

## **Distopia permanente: Projeto da modernidade, condição pós-moderna e o novo tempo do mundo**

GENARO, Luis Felipe Machado de<sup>1</sup>

**Resumo:** Propomos uma reflexão teórica a respeito do projeto da modernidade construído ideologicamente por inúmeros pensadores com o passar dos últimos quatro séculos, antes, entre e após a “dupla revolução” que transformou o continente europeu e a Revolução de Outubro de 1917. Com base em quatro principais autores – Reinhart Koselleck, David Harvey, Eric Hobsbawm e Paulo Eduardo Arantes – debater o processo histórico que se desenrolou do movimento iluminista até o Novo Tempo do Mundo, um presente de emergências e expectativas decrescentes, onde os sujeitos parecem inclinados a viver em uma distopia permanente. Este artigo tem como uma de suas principais propostas incitar o leitor a repensar as formas como compreendemos a sociedade e agimos no mundo – visando uma transformação da realidade.

**Palavras-chave:** História; Modernidade; Política.

**Abstract:** We propose a theoretical reflection on the project of modernity constructed ideologically by countless thinkers over the last four centuries, before, between and after the "double revolution" that transformed the European continent and the October Revolution of 1917. Based on four main authors – Reinhart Koselleck, David Harvey, Eric Hobsbawm and Paulo Eduardo Arantes – discuss the historical process that unfolded from the Enlightenment movement to the New World Time, a present of decreasing emergencies and expectations, where subjects seem inclined to live in a Permanent dystopia. This article has as one of its main proposals to incite the reader to rethink the ways in which we understand society and act in the world - aiming at a transformation of reality.

**Keywords:** History; Modernity; Policy.

### **INTRODUÇÃO**

Considerado um dos maiores poetas irlandeses do século XX, William Butler Yeats é lembrado também como um profeta. Redigiu um de seus poemas mais enigmáticos e intrigantes, “A Segunda Vinda”, no entremeio da Grande Guerra iniciada em 1914, a Revolução de Outubro e a II Guerra Mundial, a chamada Guerra Civil Europeia, conjuntura que alteraria os pêndulos do mundo. Os versos iniciais do poema:

---

<sup>1</sup> Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná. Email: lfgenaro@hotmail.com

As coisas vão abaixo; o centro cede;  
Mera anarquia é solta sobre o mundo,  
Solta a maré de sangue turva, afoga-se  
Por toda parte o rito da inocência;  
Falta fé aos melhores, já os piores  
Se enchem de intensidade apaixonada. (YEATS, 2013)

O poema “A Segunda Vinda” foi publicado em 1920, causando estranheza e pavor entre os letrados da época. Sentimentos não muito diferentes do que apresentavam as gerações que nasciam e envelheciam no entre guerras. Envoltos do fragmentário e do efêmero, a modernidade para Yeats fazia os pilares que sustentavam o centro - a razão, a lógica, a consciência - , cederem.

Nada e nem ninguém decretavam certezas. O poeta pareceu prever as torrenciais marés de sangue que jorrariam século adentro, onde centenas de milhares se afogariam – não apenas pelo advento da segunda guerra, mas pelos diversos genocídios, massacres e contrarrevoluções.

Desde o longo século XIX, as velozes alterações nas técnicas e nas ciências começavam a adentrar casas, estabelecimentos, imprensas, fábricas, etc. O mundo mudava de forma acelerada. Contudo, não estava ao encargo da era dos extremos, como nos mostrou Eric Hobsbawm, ganhar o título de idealizadora da modernidade, pois as raízes do “projeto moderno” são mais remotas. “Embora o termo *moderno* tenha uma história bem mais antiga, o que Habermas chama de ‘projeto da modernidade’ entrou em foco durante o século XVIII”. (HARVEY, 2010, p.23.)

O projeto da modernidade ainda encontra ecos nas mais variadas instituições, sistemas e construções teóricas, políticas e culturais de nosso tempo. O próprio termo “moderno” marca uma distância ou ruptura em relação ao passado. Para explicar alguns elementos-chave que orientam a nossa existência – a secularização, o desencantamento do mundo, a racionalização da vida, entre outros – conhecer a gestação do projeto da modernidade se mostra imperioso.

Nosso intuito é construir uma reflexão crítica que resgate o projeto da modernidade pensado pelos iluministas do século XVIII e seus precursores, suas características mais marcantes, até o chamado Novo Tempo do Mundo – uma espécie de distopia que não renega as peculiaridades pós-modernas presentes na atualidade, mas almeja repensar o tempo em que vivemos como um limite deste projeto, dos Estados-Nação, das instituições e construções burguês-capitalistas.

Paulo Eduardo Arantes, explanando sobre o que seria este Novo Tempo do Mundo, de emergências e expectativas decrescentes, regressa para a construção do projeto da modernidade. Para o filósofo, nós viveríamos em um presente presentificado entre as permanências de um passado que insiste em não passar, onde “os horizontes temporais se reduzem [...] E desta paisagem terminal precisamos regressar, novamente, ao princípio do ciclo das Grandes Esperas e, um pouco antes, ao “tempo estático do futuro prognosticável.” (ARANTES, 2014, p.75)

Nossa análise percorrerá quatro questões-chave: o projeto da modernidade, refletido por Reinhart Koselleck; a grande ruptura promovida pela Revolução de Outubro, contextualizada por Eric Hobsbawm; a condição pós-moderna, pensada por David Harvey; e por fim, o Novo Tempo do Mundo, categoria teorizada por Paulo Eduardo Arantes que permanece entre o moderno e o pós-moderno.

A urgência de se refletir sobre tais questões é posta por simpósios em universidades, partidos políticos progressistas, movimentos sociais e populares, entre outros espaços públicos de maior ebulição política. Frente a muitas discussões sobre identidade, a busca incessante do sujeito moderno pela felicidade e o progresso individual – conceitos iluministas, modernos – sem contar a cinzenta paisagem globalizada, com o seu regime de guerras permanente, suas “máquinas de moer gente” (ARANTES, 2014, p.184) e a produção de mercadorias super acelerada, buscamos neste artigo uma compreensão teórico-política sobre o tempo em que vivemos.

Compreensão que tem o intuito de gerar insatisfação, logo, uma ânsia de insurreição e transformação radical dos espaços onde vivemos, das relações que fiamos e de tudo aquilo que existe.

## **O PROJETO E O ANTEPROJETO DA MODERNIDADE**

A modernidade nasceu das mais diversas linhas de pensamento e reflexão gestadas durante e após o período revolucionário europeu. Período em que mudanças bruscas assolaram o velho continente, levadas pelo que Eric Hobsbawm conceituou “dupla revolução” – os avanços e transformações nas técnicas e indústrias com a Revolução Industrial, e o advento da Revolução Francesa de 1789, espalhando os ideais de uma burguesia revolucionária em exponencial ascendência, alterando a lógica e consciência política do Ocidente, influenciando, até mesmo, regiões distantes, como a Ásia.

À época, para muitos letrados e filósofos, era chegada a hora da “iluminação”. Muito do que lembrava o passado, e suas tradições religiosas e culturais, começava a ser contestado. O movimento iluminista, como assim foi chamado, não foi homogêneo, nem criou raízes em um só lugar, mas foi a base de sustentação ideológica, literária e filosófica para a onda de mudanças políticas e econômicas que assolaria a Europa nos séculos seguintes.

Na perspectiva marxista de Hobsbawm, longe de ortodoxismos petrificantes, tal movimento caminhou lado a lado com as transformações materiais da Europa.

O iluminismo, a convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza – de que estava profundamente imbuído o século XVIII – derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica. (HOBSBAWM, 2015, p.04)

Regressando um pouco mais, o processo de gestação do Estado Moderno também foi importante para a construção do projeto da modernidade. Fundada na crítica derrocada da antiga ordem, segundo Koselleck, a Europa parecia caminhar para uma “anarquia generalizada”. (KOSELLECK, 2009, p.21)

Esta anarquia se materializava nos duelos, disputas e guerras religiosas que ceifaram as vidas de centenas de milhares. “Como era possível restabelecer a paz? Na maior parte do continente, o Estado absolutista encontrou a resposta específica à guerra civil religiosa” (KOSELLECK, 2009, p.21) e tamanho banho de sangue: o rei não reconhecia algo mais transcendente que ele, a não ser o próprio Deus. Com isso, reuniu forças políticas e históricas suficientes para ser temido e adorado por todos.

A tolerância, segundo Koselleck, era o que estava atravancando a paz entre as mais diferentes denominações cristãs nascidas da Reforma. “Ser tolerante seria mais perigoso que severo e cruel, pois as consequências de qualquer complacência derramariam mais sangue” (KOSELLECK, 2009, p.22). Era como se a única força capaz de conter os “perigos” que surgiam e surgiriam entre os mais diferentes grupos sociais fosse o Estado.

Paulo Arantes, na construção teórica do Novo Tempo do Mundo, nos lembra de que foi a partir desse momento que o monopólio da manipulação do futuro passou a ser exercido pelo Estado, o que antes estava ao encargo da religião cristã e de sua escatologia. “O futuro não se tornaria secularmente calculável sem a transformação da indiferença religiosa em fundamento da paz, isto é, se o poder do

Estado não domesticasse a guerra” (ARANTES, 2014, p.68). A partir de então uma nova ordem surgia, e o tempo passaria a ser orientado pela Razão de Estado.

Essa nova ordem, como outrora afirmamos, teria como sustentação os mais variados postulados do movimento iluminista. E não foram poucos os teóricos e filósofos que se debruçaram na construção desse “novo mundo”. Hobbes, Rousseau e mais tarde Hegel, por exemplo, são responsáveis por aquilo que classificariamos como construtores de discursos legitimadores.

O *Contrato Social* e a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* seriam discursos que trariam sentido ao projeto que se buscava construir – uma sociedade racional, onde o indivíduo se posicionaria no centro do mundo. Um mundo que não mais caminhava para trás e com os olhos no passado, mas crente na força universalista do progresso e em busca da eterna felicidade.

David Harvey, ao abordar o esforço intelectual dos iluministas, não se esquece de citar o “desenvolvimento da ciência objetiva, da moralidade e da lei”, o “domínio científico da natureza”, o “desenvolvimento de formas racionais de organização social”, a “libertação das irracionalidades do mito”, entre tantas outras “qualidades universais” (HARVEY, 2010, p.23), que teriam dado forma ao “sujeito moderno”, tirando o homem de um estado e o transportando para outro, diferente de tudo até então.

No afã de dominar a natureza e organizar a sociedade através da Razão, o projeto da modernidade também se tornou universalista. Durante o longo século XIX, o “fardo” do homem branco, burguês, racional e científico levaria aos mais diferentes cantos do planeta, espaços vistos como “exóticos” quando não “bárbaros”, o projeto da modernidade – projeto que, como veremos, já encontrava barricadas e resistências.

É inegável que o anseio pela universalidade se tornou quase global. Se os séculos posteriores colocariam a palavra “crise” no vocabulário de todos, Koselleck relaciona ambos os conceitos. A crise passaria a ser também universal. “A história europeia expandiu-se em história mundial e cumpriu-se nela, ao fazer com que o mundo inteiro ingressasse em um estado de crise permanente”. (KOSELLECK, 2009, p.43)

O Novo Tempo do Mundo raiaria no século da industrialização – como um sol permanente que nunca mais se pôs. Dois séculos depois da morte de Karl Marx, o filósofo é mais criticado pelos seus acertos que erros. As numerosas e cíclicas

crises no sistema de produção capitalista não cessariam, muito menos a sensação de insegurança e a constante exploração terminariam para as classes trabalhadoras, os sujeitos subalternos e os marginalizados do mundo.

Para Arantes,

[...] estava assim orientado o eixo do novo tempo, o longo século XIX estendendo-se como uma não menos longa promessa iluminista de reformas racionalmente planejadas e medo social disciplinado e apaziguador: decantado o consenso, basicamente liberal, ou melhor, hegemonicamente liberal, acerca da normalidade da mudança, devidamente calibrada para não anular os condenados da terra, a esperança e a expectativa de mudanças mais fundamentais no futuro. Consolidou-se, em suma, o novo horizonte temporal do mundo, cujo ponto de fuga vem a ser um *expectability*, muito diversa dos prognósticos característicos do cálculo absolutista de poder, de evolução contínua dos mecanismos políticos de condução do sistema. [...] Tempo intemporal de urgência perpétua: este é o Novo Tempo do Mundo. (ARANTES, 2013, p.93)

Arantes, ao anunciar este novo tempo que parece nos escapar, não coleciona otimismo. Para ele, esses mecanismos contínuos de condução do sistema se autoperpetuam na economia, na educação, na exploração no interior das fábricas e lavouras. O futuro permanece estacionado em um presente que não mais se transforma, ou na perspectiva do progresso proposto pelo projeto da modernidade, não mais caminha rumo ao *amanhã*.

Nada como um “fim da História” como idealizado por Francis Fukuyama, em uma clara apologia de certos valores a determinados governos, mas uma força que caminharia sem caminhar, reformaria sem romper o consenso hegemônico, temendo é claro, uma sublevação massiva ou pior, o desaparecimento dos “condenados da terra”, únicos capazes de usar a força de trabalho. Seria esse o além-fim do projeto da modernidade, dos iluministas à época das luzes?

Ao mesmo tempo em que a liberdade, a felicidade e o progresso animavam filósofos iluministas, indagações se escancaravam. Como ser um indivíduo livre, centrado em si mesmo, e, ao mesmo tempo, viver em sociedade? Como classificá-riamos a vontade geral do povo? Onde encontraríamos a felicidade? Para onde o progresso nos levaria?

O projeto da modernidade seria testado ao longo século XIX e na era seguinte, dos extremos. Sujeitos contrários à ordem burguesa, liberal, individualista, racional, crente no progresso e na felicidade dos homens, enfrentariam a fúria de um sistema fortemente estabelecido que, ao fazer-se e deixar-se fazer, erigiu proteções de difícil enfrentamento.

Antes mesmo de Marx e Engels, “para Saint-Simon e os saint-simonianos, a Revolução, os direitos do homem e o liberalismo tinham tido um valor puramente destrutivo; chegara o momento de organizar a sociedade a regenerar” (DUMONT, 2000, p.116). Era como se no triunfo do projeto da modernidade, “desvios” e “imprecisões” saltassem sem cessar. Na procura de compreender o individualismo, um dos pilares do projeto da modernidade, Louis Dumont, citando Herbert Marcuse, explicita a renitência dos socialistas franceses para com o período posterior a Revolução Francesa: “A indústria avança rapidamente, os primeiros abalos socialistas faziam-se sentir, o proletariado começava a consolidar-se” (MARCUSE In: DUMONT, p.116, 2000). Aquele projeto de iluminação cambaleava.

Em um avanço temporal, David Harvey traz o século XX para o debate. Ele e os “seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki” (HARVEY, 2009, p.23), Era como se o projeto da modernidade tivesse se voltado contra si próprio, em que utopias que eram redigidas em busca da felicidade, alegria, riqueza e liberdade tivessem se tornado uma distopia cotidiana e permanente de tristeza, rancores, desigualdades e exploração.

O longo século XIX teria mostrado que as promessas de “reformas nacionalmente planejadas e o medo social disciplinado e apaziguador” (ARANTES, p.93, 2014), remendos do projeto da modernidade que há não muito tempo tinha se realizado, escoavam ladeira a baixo. Os sujeitos que não estavam enquadrados no projeto e que destoavam do que seus principais axiomas pregavam – marginalizados, operários, não europeus, prostitutas, camponeses, desempregados, boêmios e a “populança” em geral – entravam em cena com uma força jamais registrada. E seria com essa mesma força que, novamente, fariam oscilar os pêndulos do mundo em outubro de 1917, em um dos acontecimentos de maior intensidade e abalo globais que inaugurariam o que Hobsbawm chamaria “breve século XX”, ou “era dos extremos”.

A revolução russa, ou Revolução de Outubro de 1917, ou até mesmo Revolução bolchevique, deu início a chamada “guerra total do século XX”, ou mais precisamente “guerra permanente”, nas palavras de Paulo Arantes. Em um século marcado por motins, insurreições, genocídios, conflitos imperialistas e globais, as guerras entre países e entre classes foram permanentes.

Se a dupla revolução durante os séculos XVII e XVIII modificou as estruturas econômicas e políticas do Ocidente, influenciando até mesmo regiões remotas do Médio Oriente, dando-lhe um projeto de modernidade a ser lapidado pelas classes vencedoras, um anteprojeto seria gestado pelos que não foram inseridos neste empreendimento – o que não descarta as ondas de resistência anteriores e posteriores a este acontecimento, das quais iremos nos ater adiante.

A Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que a sua ancestral. Pois se as ideias da Revolução Francesa, como hoje é evidente, duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789. (HOBBSAWM, 1995, p.62)

A deflagração da Revolução Russa iniciada em março de 1917 por um agrupamento de mulheres operárias, em conjunto com uma greve geral metalúrgica na região de Putilov, interior da Rússia, e a insubmissão das forças policiais e da guarda czarista, que se uniu aos revoltosos, inaugurou uma série de transformações e embates históricos que definiriam aquele século.

Sem pretensões de iniciar um debate acerca dos discursos antagônicos que emergiram e se construíram durante os séculos posteriores ao XVIII, principalmente capitalismo/liberalismo e socialismo/comunismo, foquemos na influência dos levantes russos e da luta das massas sobre o restante do mundo – uma influência que desde a tomada de Moscou e do Palácio de Inverno pelas tropas de Lênin até a constituição, burocratização e esfacelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi, como o advento da Revolução Francesa de 1789, igualmente global. “Os vermelhos defendiam a revolução desejada pela maioria dos russos. [...] A Revolução Russa foi feita pelas massas, e durante seus dez anos iniciais, foi determinada pelas massas”. (HOSBBAWM, 1996, p.265)

A Revolução Russa influenciou principalmente a América Latina e seus movimentos e levantes revolucionários, do Brasil de Olga Benário e Luís Carlos Prestes ao México de Manabendra Roy, até a Cuba de Fidel Castro. Alguns revolucionários reconheceram na Rússia após 1917 uma possibilidade de transformação da realidade, uma subversão da ordem e de seus valores, em suma, uma ruptura com o projeto da modernidade. Se a existência da União Soviética, mesmo após o período stalinista, ainda tivesse uma razão de existir, como nos aponta Hobsbawm, essa seria a “emancipação universal, a construção de uma alternativa melhor para a sociedade capitalista”. (HOBBSAWM, 1995, p. 78)

A resistência ao modelo de sistema dominante, de produção material, de decisões políticas repressivas e autoritárias, de gerenciamento dos povos, se deu também com os *partisans* na Itália, com os comunistas e anarquistas aliados na Espanha franquista, com os Panteras Negras nos Estados Unidos e os guerrilheiros do Congresso Nacional Africano, durante o regime do *Apartheid*.

Direta ou indiretamente ligados aos acontecimentos após a tomada do Estado russo pelos bolcheviques e da constituição da URSS, centenas de milhares de agrupamentos, movimentos e partidos deram início a construção de uma utopia contrária, mesmo em suas delimitadas regiões, onde da luta entre classes antagônicas nasceria um mundo novo, justo e igualitário. A contrarrevolução se deu também de forma violenta, principalmente com os mais diferentes fascismos gestados no entreguerras. Antes e depois deste período, Paulo Eduardo Arantes aponta a reação das forças dominantes durante o emergir do anteprojetado da modernidade pelos marginalizados do mundo, que teve na Revolução de Outubro o seu ápice.

Os escravos de São Domingos, sem falar nos camponeses europeus e nos *sans-culottes*, para referir um exemplo extremo, estavam mostrando como uma luta mundial entre os acumuladores de capital pela acumulação de capital – posteriormente estilizada como o triunfo de uma burguesia progressista contra os estratos reacionários do Antigo Regime feudal – poderia provocar um descontrole do mundo tal que as rebeliões atlânticas, assim como as continentais, acabaram sendo perseguidas como um risco inédito, configurando as primeiras revoltas verdadeiramente antissistêmicas do mundo moderno, portadoras de uma ameaça real às polarizações estruturais do sistema-mundo. (ARANTES, 2014, p.92)

Esboçamos aqui apenas alguns aspectos da construção do projeto da modernidade e o processo de resistência ao mesmo: a construção de um Estado-Nação orientado pela Razão; o individualismo; a racionalidade e a consciência do sujeito no mundo; os não-inseridos no projeto e a sua resistência na criação de um anteprojetado para um novo tempo do mundo.

Estes aspectos nos interessam pela proximidade com a categoria pensada por Paulo Arantes que, assim como Eric Hobsbawm, possui incisiva preocupação com os processos materiais que se desenvolveram das mais inúmeras formas e em todo o globo terrestre – processos e forças produtivas que determinariam a História dos povos.

## **A PÓS-MODERNIDADE E O NOVO TEMPO DO MUNDO**

Para David Harvey, era como se o projeto da modernidade, no afã de romper com tudo que havia passado, com os olhares voltados para o tempo futuro, tivesse iniciado um processo “sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior” (HARVEY, 2009, p.12). Se descontinuidades, deslocamentos e rupturas apareciam no projeto da modernidade como deformações pontuais, muitos são os teóricos, como apontou Stuart Hall, que atribuem ao chamado período pós-moderno essas “mesmas características”. (HALL, 2011, p.18)

Não são poucos os pensadores que se auto intitulam pós-modernos. Nem poucas são as obras calcadas na sociologia, na filosofia e na história que abordam a temática da pós-modernidade ou seguem o que poderíamos chamar de seus “pressupostos”.

Apesar de presentes nas diversas discussões acadêmicas da atualidade, os ecos de seu discurso são ouvidos desde a segunda metade do século XX nos mais diversos países do globo. As décadas de 1960 e 1970 são consideradas o momento no qual consensos, outrora pilares da ordem moderna, aos poucos se esfacelaram. Um exemplo histórico é o Maio de 1968 francês, que para Paulo Arantes “fez o horizonte do mundo encolher vertiginosamente”, entrando em um “tempo intemporal da urgência perpétua”. (ARANTES, p.94, 2014)

A intelectualidade se divide entre os que se dizem pós-modernos, inaugurando uma nova ruptura na fantasiosa linha temporal teleológica, já outros que descartam a possibilidade de grandes rupturas, enxergando a pós-modernidade como uma mera continuação da modernidade, como se aquele projeto que outrora historicizamos estivesse ainda nos assombrando após tantos tropeços.

David Harvey cita Terry Eagleton e sua descrição negativa da condição pós-moderna.

Estamos agora no processo de despertar do pesadelo da modernidade, com sua razão manipuladora e seu fetiche de totalidade, para o pluralismo retornado do pós-moderno, essa gama heterogênea de estilos de vida e jogos de linguagem que renunciou ao impulso nostálgico de totalizar e legitimar a si mesmo. (EAGLETON, Apud HARVEY, 2009, p.19)

Este pesadelo de que nos fala Eagleton seria o ápice do desencantamento do mundo. Após a queda do Muro de Berlim, tida para Eric Hobsbawm como um marco histórico que encerraria a era dos extremos, o século XX havia mostrado à humanidade a face mais obscura da razão, da técnica, do individualismo e de outros elementos constitutivos da modernidade.

Câmaras de gás, pilhas de corpos ao relento, totalitarismos e Estados de vigilância, corridas armamentistas e o início de uma devastação ecológica desenfreada seriam apenas algumas das consequências do projeto da modernidade.

Se tais elementos são negativos para a grande maioria de sujeitos, o raiar do século XXI – globalizado e multiconectado – traria consigo uma vertiginosa sensação de super aceleração do tempo, crises de identidade, incertezas perante as principais construções políticas e filosóficas, sensações de vazio e impotência perante uma sociedade cada vez mais meritocrática, além de uma flexibilização e precarização no mundo do trabalho.

Sobre esse início de século “globalizado e multiconectado” as antíteses do Novo Tempo do Mundo: na globalização, construção de muros e fortificações em antigas fronteiras; em um mundo multiconectado, o afã de autoridades políticas e econômicas de frear o acesso igualitário a internet, vista, por muitos, como instrumento de insurreição e rebeldia. Arantes, apesar de pessimista na teoria, é otimista na ação. Não deixa de rememorar Walter Benjamin e sua *Rua de mão única*, o que para ele era a entrada na qual definia a luta de classes.

Paulo Arantes não esquece que a luta de classes ainda é a responsável pelos conflitos e disputas na História dos povos e que a resistência dos dominados é uma realidade constante. Não por qualquer triunfo da práxis e teoria marxistas, talvez renegadas após a queda da URSS e seu socialismo real, mas pela simples continuidade acachapante do modo de produção capitalista e de suas intrínsecas contradições. Para ele, a luta de classes ocorre não como “correlação de forças sopesadas numa gangorra sem fim, mas como urgência de apagar o incêndio geral que de qualquer modo os dominantes já atearam. [...] a fisionomia mesma da Revolução”. (ARANTES, 2013, p.93)

Poderíamos citar como exemplos dessa resistência também permanente os vazamentos de documentação diplomática estadunidense pelo site Wikileaks, em 2010, gerando o exílio de Julian Assange em uma embaixada do Equador, na cidade de Londres. Outro exemplo seria a onda de movimentos insurgentes após 2011, como o *Occupy Wall Street*, o *Podemos*, as Jornadas de Junho, Primavera Árabe, entre tantos outros, se utilizando de redes sociais como *Twitter* e *Facebook* para agrupar, organizar e debater “uma outra” política.

O ciberespaço, a organização (e desorganização) política através de suportes virtuais, a explosão diária e incessante de informações das mais variadas fontes, o consumo desenfreado de imagens e sons, entre tantos outros elementos desse início de século, foram debatidos em artigo por Mike Featherstone. Elucidando as transformações técnicas, científicas e nas comunicações desde a década de 1960, Featherstone é categórico ao abordar a temática das novas tecnologias das comunicações na “globalização da complexidade”.

Seja como internet ou como *superhighway*, o ciberespaço nascente, deve ser entendida não só como veículo da globalização, [mas] cria um mundo paralelo, não como pós-modernidade, mas como paramodernidade. [...] Um mundo que, embora proporcione ambientes simulados e estetizados, também comporta jogos de poder. (FEATHERSTONE, 1995, p.3-4)

A participação ativa de Paulo Eduardo Arantes nas Jornadas de Junho – sublevações ocorridas no Brasil no ano de 2013 onde a internet e as redes sociais serviram de instrumentos de organização política – o levou a lapidar ainda mais o seu “Novo Tempo do Mundo”. Considerado um intelectual diante da barbárie, não que o restante deles também não esteja, Arantes deixou para trás antigas convicções partidárias, não ideológicas, ansiando compreender o estado das coisas de forma crítica e insurgente.

Para ele, “desde então, a história da humanidade tem sido, quando não se está para cortinas de fumaça, uma contínua catástrofe social e ecológica” (MENEGAT, Apud ARANTES, 2014, p. 9). O seu Novo Tempo do Mundo não passa de uma bem estruturada distopia do amanhã. Esta categoria de Arantes significa o limite da modernidade. “A expressão Novo Tempo do Mundo, que vem a ser um *estado de perpétua emergência*, quer dizer também que o seu prazo de validade se encerrou”. (ARANTES, 2014, p.77)

Diferente do relativismo político sobre o futuro de muitos pós-modernos – o fim das utopias revolucionárias nascidas do socialismo real e de outras vertentes – o filósofo não esquece os preceitos teóricos de Karl Marx, Frederich Engels e muito menos as insurreições e revoluções que agitaram grande parte do século XIX ao início do século XXI. Estas sublevações teriam sido a antítese do projeto da modernidade. A reação dos que ficaram “de fora” de uma construção ideológica de sociedade, de existência, da racionalidade e de futuro.

Embasados nas obras de Harvey, Koselleck e Arantes, além de outros autores que nos auxiliaram nesta reflexão, como Eric Hobsbawm, nossa perspectiva

aponta para um total esfacelamento, se não o fim, do projeto da modernidade, muito em razão de ainda (sobre)vivermos orientados pelos seus desígnios, estando ela à beira da falésia.

Não renegamos o debate pós-moderno de um tempo descentrado e incerto. Também não excluimos a possibilidade das discussões pós-modernas estarem ocorrendo dentro da própria modernidade, como mais uma de suas inúmeras “resistências” e “desvios” internos. Não obstante, não renegamos a reflexão apresentada por Paulo Eduardo Arantes de um tempo de expectativas decrescentes, em zonas de espera infinitas, onde a sensação de emergência nos ronda a cada momento.

Este Novo Tempo do Mundo, diferente de muitos dos discursos pós-modernos, não descontrói paradigmas conflitivos como esquerda x direita, dominantes e dominados, nem exclui a possibilidade da insurgência revolucionária das classes subalternas, apresentando-a como o único caminho perante um “tempo morto” – o que para o filósofo nada mais é que uma “questão de classe”. (ARANTES, 2014, p.151)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Literatos irlandeses e outros europeus se debruçaram nas ideias políticas de W. B. Yeats após a publicação de “A Segunda Vinda”, em 1920. Apesar das modestas conquistas dessa busca, descobriram, por meio de anotações e correspondências, que o poeta detinha um conhecimento historiográfico acurado.

Conhecia filosofias, cantos folclóricos, livros “mágicos” e as mais diversas teleologias históricas de sua época, sendo ele mesmo adepto de uma “história cíclica” – apesar de compreendermos a história como um leque complexo de processos irregulares e heterogêneos, e não como eventos cíclicos e repetitivos – permanecemos, no mínimo, curiosos.

“A Segunda Vinda” de seu poema não diz respeito à Cristo, ao apocalipse, nem à religião cristã, mas ao advento de outro tempo que surgiria das cinzas de uma “antiga ordem”. Longe de Yeats ser um revolucionário, suas poesias não incitavam insurreições, como as de Maiakovski, nem memoravam revoltas populares, como as de Brecht. Talvez seja esse o fascínio e a estranheza de seus admiradores.

Realizar a crítica ao projeto da modernidade, refletindo sobre o seu processo histórico e discurso ideológico se faz urgente, sendo este nosso propósito neste

artigo. Historiadores como Reinhart Koselleck o fizeram, assim como intelectuais rebeldes tais como David Harvey e Paulo Eduardo Arantes. Através da crítica, construir alternativas para um presente de expectativas decrescentes.

É necessária a construção coletiva de um projeto de sociedade alternativo ao de uma “modernidade” alicerçada na destruição do meio e dos seres. É por isso que a intelectualidade necessita se posicionar e lutar em conjunto com os mais diferentes estratos da sociedade – de preferência aqueles que outrora estiveram e ainda permanecem “de fora” do projeto da modernidade – repensando formas de compreender e agir no mundo, modificando as relações materiais entre os sujeitos: ao invés de uma predatória exploração, a solidariedade.

Em um de seus últimos ensaios acadêmicos sobre a teoria e práxis marxista, Eric Hobsbawm tocou na mais profunda das feridas, seja dos liberais, seja dos utopistas. Contudo, apesar de não apresentar uma resposta ou projeto para como mudar o mundo, ele prevê o fim do projeto da modernidade e do modo de produção capitalista.

Um sistema alternativo pode não estar à vista, mas não se pode mais descartar a possibilidade de uma desintegração, até mesmo de um colapso, do sistema existente. Nenhum dos dois lados sabe o que aconteceria ou poderia acontecer nesse caso [...] Mais uma vez, fica patente que, mesmo no intervalo entre grandes crises, “o mercado” não tem nenhuma resposta para os principais problemas com que se defronta o século XXI. (HOBSBAWM, 2011, p. 341)

Movimentos insurgentes e de resistência ao “mercado” como o *Podemos*, na Espanha, o *Occupy*, nos Estados Unidos da América, *La France Insoumise*, na França, as mais diversas organizações populares brasileiras, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), e até mesmo alguns agrupamentos insurretos mais antigos como os Zapatistas mexicanos, que ainda sobrevivem na região de Chiapas como um estado autônomo e livre dos ditames do neoliberalismo, evidenciam que o “fim da História” não passou de mais um discurso farsesco com propósitos políticos dominantes, apresentando respostas para os problemas que tanto inquietam Eric Hobsbawm e que parecem não ter solução.

Se a categoria Novo Tempo do Mundo prevê a sua própria derrocada no presente, assim como em ruínas se encontra o projeto triunfante que teve seu início nos séculos XVII e XVIII, aponta como único caminho a revolução social.

Finalmente, carecemos de uma “segunda vinda”. Alterando Yeats, que não falte fé aos melhores, e que os piores desistam de suas mais insanas paixões.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo E. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2014.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editoras, 2011.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 1999.

YEATS, W. B. Trad. SCANDOLARA, Adriano. A segunda vinda. EUTOMIA. *Revista de Literatura e Linguística*. Jan/Jun. 2013.